

O LIRISMO E O ESPAÇO NA POESIA DE EUGÊNIO DE ANDRADE

DOI: 10.4025/revpercurso.v7i2.27978

Amanda Aparecida Rodrigues

Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá
arodrigues@ yahoo.com.br

RESUMO: A poesia de Eugênio de Andrade, conhecido pelo retrato do homem e da vida, inseridos na paisagem natural elementar, revela a busca constante da (re)construção humana no espaço pictórico/poemático. Sob essa perspectiva de estudo, objetiva-se discutir de que forma o espaço, permeado pelos quatro elementos, presente nos poemas de Eugênio de Andrade, traz à tona a corporeidade da natureza humana, essencialmente espacial (enquanto integrada à natureza) e a vivifica pela linguagem poética. Essa reflexão salienta ainda questões subjetivas que, perpassadas por imagens espaciais, reverberam a identidade do homem, enquanto um ser corpóreo inserido ao cosmos, reconhecida somente pela linguagem que o constitui. Para essas reflexões, serviram de base as discussões sobre o espaço poético, conforme M. Blanchot, Santos e Oliveira, Ida Alves, entre outros, que apresentam a imagem e a paisagem como forma efetiva de revelação lírica. Desse modo, objetiva-se discutir de que forma ocorre a recriação da paisagem nos poemas “Sul” e “Lugar do sol” e como esses poemas corporificam a natureza humana (espacial integrada à natureza) recriando-a por meio da linguagem poética. Conforme as leituras, pode-se afirmar que os poemas eugenianos são imagens espaciais, mais especificamente, são paisagens do homem, que se funde aos elementos naturais por meio de uma linguagem altamente pictórica, e assim, o humano é revelado na sua interioridade, por meio de uma exterioridade que se mescla e se funde aos elementos naturais. Tudo isso graças a um movimento de metáforas cromáticas e imagéticas.

Palavras-chave: Eugênio de Andrade; Espaço; Revelação lírica.

THE LYRICISM AND THE SPACE IN THE EUGENIO DE ANDRADE'S POETRY

ABSTRACT: Eugênio de Andrade's poetry, known by portraying the man and his life in their elementary natural landscape, reveals the constant search for the human (re)construction in the pictorial/poematic space. From this study perspective, we aim to discuss how the space, permeated by the four elements present in Eugênio de Andrade's poems, reveal the corporeality of the human nature, essentially spacial (as long as integrated to Nature) and vivify it by the poetic language. This reflection still emphasises subjective questions that pervaded by spacial images, reverberate the man's identity while a corporeal being placed into the cosmos, only recognized by the language that constitutes himself. Discussions based on the poetic space according to M. Blanchot, Santos e Oliveira, Ida Alves and others, which present the image and the landscape as an effective way to the lyrical revelation, were used to these reflections. Thus, we aim to discuss how the re-creation of the landscape in the poems “Sul” and “Lugar do Sol” occur and, how these poems corporify the human nature (spacial integrated to Nature) re-creating

it through the poetic language. In line with the readings cited above, we may claim that the *eugenianos* poems are spacial images; more specifically, they are landscapes of the man, that fuse himself to the natural elements, through a highly pictorial language and, in this manner, the man is revealed in his innermost by means of an exteriority that blends and fuse itself to the natural elements. All of this because of a movement of imageries and chromatic metaphors.

Key words: Eugênio de Andrade; Space; Lyric(al) revelation.

1 INTRODUÇÃO

Antonio Candido (1972), em *A Literatura e a formação do homem*, afirma que a Literatura humaniza à medida que faz viver, com as sombras e as luzes. Nesse sentido, é pela e na palavra literária que o homem se (re)descobre, por meio dos deslocamentos, partidas e chegadas, propondo-se um reolhar de si e do mundo. Consoante essa perspectiva de estudo, a poesia de Eugênio de Andrade suscita profundas reflexões acerca da busca do homem, de si, permeada pela palavra redentora. Além disso, sua poesia, construída sob uma linguagem pictórica, conduz a imagens puras e sensíveis do ato de viver.

Eugênio de Andrade, autor português conhecido pelo retrato do homem e da vida, transmutado e permeado pelos quatro elementos, revela o âmago do ser, no esforço de se conhecer e se firmar como tal, por meio de uma construção de metáforas imagéticas que conduzem ao espaço do (re)conhecimento de si. Esse espaço, produzido e transmutado pela e na linguagem, pode suscitar não só uma experiência representativa da própria construção da linguagem poética, mas, sobretudo, vislumbrar reflexões acerca da subjetividade e da identidade humana. Logo, a discussão de alguns dos seus poemas é um possível caminho de leitura dessa vida revelada pelo texto artístico: “lugar” de reencontro consigo e com o outro, por meio da (re)constituição do seu imaginário.

A proposta de reflexão sobre as questões subjetivas e identitárias, perpassadas pelas imagens espaciais e construções metafóricas presentes nos poemas eugenianos, embasa-se em discussões sobre o espaço poético, em estudos da retórica e estilística, em apontamentos acerca do gênero lírico e da metáfora, entre outras orientações da crítica sobre a escrita de Eugênio de Andrade.

Para a elucidação sobre a busca constante da (re)construção humana no espaço poemático presente na poesia de Eugênio de Andrade, apresenta-se uma breve leitura analítico-interpretativa dos poemas: “Sul” e “Lugar do sol”.

2 A ESCRITA POÉTICA DE EUGÊNIO DE ANDRADE E A LEITURA DO ESPAÇO

Segundo a crítica especializada, a poesia de Eugênio de Andrade vincula-se à busca da plenitude da vida; assim a palavra/poesia é libertadora, porque cria/localiza a realidade (permeada pelos quatro elementos), mediadora entre o homem e as coisas. E o poeta, na busca de viver, tem na palavra a imagem mais concreta do seu desejo.

Eduardo Lourenço (1996, p.117, 119-120) afirma que, na poesia eugeniana, a busca da vida no que ela tem de mais puro e feliz reside na ideia da sua plenitude em relação à morte, no que diz respeito aos contínuos ciclos da vida, que a fazem eterna. Diante dessa constatação, não há angústia na sua poesia, mas serenidade ou, pelo menos, a sua busca. E o fazer poético é que possibilita a “posse feliz do mundo e de si mesmo”. Eis a grandiosidade da poesia, “a conciliação impensável e, todavia, existente da nossa realidade e do nosso sonho, por palavras que miraculosamente, dizem o indizível”. E, por conseguinte, “o poema aparece, como o *lugar da unidade humana* reencontrada”, embora fragilmente.

Conforme esse autor, a poesia cria a realidade, por meio da palavra. Desse modo, a palavra é a própria realidade mediadora entre os homens e as coisas. Isto é, a palavra é o espaço onde o homem se configura como tal. E sob essa perspectiva, é a linguagem senhora do homem. Ao poeta, cabe apoderar-se da linguagem e por meio dela criar a realidade que está além da nossa humanidade e da existência das coisas, pois só somos o que somos por meio da palavra. A poesia de Eugênio de Andrade exprime, justamente, esse movimento máximo da palavra-cristal, cria a realidade na qual nos insere por meio da palavra:

Parece haver uma estranha desproporção entre a matéria frágil que nos transfigura, poema, quadro ou sinfonia, essa vertiginosa metamorfose da existência humana. [...] Através deles se cumpre o mais fabuloso e paradoxal milagre: tornamo-nos no que já somos (LOURENÇO, 1996, p.127).

No que diz respeito à produção eugeniana, Lopes (s/d) alega ser a sua poesia um manancial de imagens diversas, que confluem a um mesmo *lugar, um paraíso terrestre*, onde a palavra severamente escolhida, ao movimento da metáfora, vislumbra a integração dos quatro elementos. Constitui o que ele nomeia de um imagismo português calcado nas referências materiais, e que não deixa à deriva tudo que é poesia: o corpo, os sentidos, as raízes sociais, todos envoltos numa emoção frásica, mediada por uma linguagem referencial, mas movendo-se sempre da referência real. Resultam dessa articulação as próprias imagens elementares, que assumem valores espaciais de posições muito diversas.

Embora a crítica caracterize a poesia de Eugênio de Andrade pela importância atribuída à palavra, tanto pelo valor imagético quanto pela temática da figuração do homem que se integra ao espaço natural, composto pelos quatro elementos, esta proposta de leitura, conduzida pelo viés da recepção, pode não considerar todos os aspectos discutidos pela crítica, uma vez que a produção de sentido se constrói por meio de um diálogo contínuo entre texto, contexto e leitor.

Quanto à teoria espacial vinculada à poesia, há estudos que discutem a assimilação dessa categoria narrativa pela poesia, contudo sua articulação e significação apresentam-se de maneira distinta à do texto narrativo. Santos e Oliveira (2001) afirmam, por exemplo, que a imagem e o cenário apresentam-se, na poesia, como forma efetiva de revelação lírica.

Segundo Santos e Oliveira (2001) embora o espaço situe a personagem/eu-lírico, sua significação se diferencia no texto narrativo e poético. Na narrativa, o espaço é intrínseco à composição textual interna; na poesia, no entanto, ele pode ser explorado pelo uso imagético da palavra, não estando necessariamente vislumbrado na estrutura interna do texto:

Nas narrativas literárias, o espaço tende a estar associado a referências internas ao plano ficcional mesmo que a partir desse plano sejam estabelecidas relações com espaços extratextuais. [...]. O texto poético pode eleger a própria palavra como um espaço: O signo verbal não é apenas decodificado intelectualmente, mas também sentido em sua concretude. Sobretudo, é possível explorar na poesia escrita, a visualidade da palavra: o signo verbal como imagem. (SANTOS e OLIVEIRA, 2001, p.74).

Blanchot (1987) aborda o espaço enquanto construção literária que, sendo solitária, exige certa solidão do leitor; enquanto construção linguística, o poeta se cala, para fazer ecoar no seu texto imagens com um significado profundo ao leitor:

[...] a obra literária não é acabada nem inacabada: ela é. [...]. Aquele que vive na dependência da obra, seja para escrevê-la, seja para lê-la, pertence à solidão do que só a palavra ser exprime: palavra a linguagem abriga dissimulando-a ou faz aparecer quando se oculta no vazio silencioso da obra. (BLANCHOT, 1987, p.12).

Em consonância ao elucidado por Lourenço (1996): “dizer o indizível”, por meio do fazer poético, tendo o poema como “lugar da unidade humana” reencontrada, Blanchot (1987) afirma que o papel do poeta é ouvir a linguagem ininteligível e, pelo desvio, *espacializá-la* no poema de modo a intermediar as significações produzidas pelo leitor. Ou seja, o espaço, com seu *status* transformador e transcendental, promove a interiorização dos elementos, possibilitando a formação de um espaço imaginário:

No mundo, as coisas são transformadas em objetos a fim de serem apreendidas, utilizadas, tornadas mais seguras, na firmeza distinta de seus limites e na afirmação de um espaço homogêneo e divisível – mas, no espaço imaginário, transformadas no inapreensível, nos introduz sem reserva num espaço onde nada nos retêm. [...] o espaço interior “traduz as coisas”. Fáz-las passar de uma linguagem para outra, da linguagem exterior para uma totalmente interior. O espaço [que] nos supera e [que] traduz as coisas é, portanto, o transfigurador, o tradutor por excelência (BLANCHOT, 1987, p.139).

Quanto ao papel desempenhado pela literatura, segundo Blanchot (1987), o poeta se isola do mundo por sua capacidade artística de fazer versos e pela necessidade de exilar-se no imaginário, tomando consciência de que não tem outra morada a não ser o espaço das imagens poéticas. Assim a arte cumpre o papel de tornar manifesta pela imagem a verdade inalcançável.

Outro teórico que aborda a inter-relação espaço/homem é Heidegger (2004), ao discutir a inserção do homem no espaço. Partindo da ideia de interioridade, delimita a presença do homem, na medida em que ele e os elementos que o circundam são dados pelo espaço. Isto é, cria-se um espaço homogêneo no qual ser humano e cenário estão inseridos.

Entretanto, cabe ao homem dar existência relevante aos elementos espaciais pela proximidade que estabelece com eles. No sentido de o objeto funcionar como seu instrumento, na medida em que este, ao olhá-lo, atribui-lhe existência e torna-o próximo de si: “espacial, a presença existe segundo o modo da descoberta do espaço inerente a circunvisão, no sentido de se relacionar num contínuo distanciamento com os entes que lhe vêm ao encontro no espaço” (HEIDEGGER, 2004, p.157).

Nesse sentido, o homem, um ser espacial, relaciona-se com o mundo circundante por meio do distanciamento e da direcionalidade. O distanciamento ocorre por meio da proximidade: ao se aproximar de determinado elemento espacial o ser se distancia de outro que, nesse momento, desaparece por não estar em contato com ele. O direcionamento, porém, é próprio do distanciamento porque ao distanciar-se de alguns elementos o ser precisa direcionar-se a outros para lhes atribuir existência através da aproximação direcionada.

Segundo as afirmações de Heidegger (2004), pode-se vislumbrar o homem como um ser no espaço, podendo atribuir ou não valor de existência aos elementos espaciais que o circundam. Essa contribuição, entretanto, não avança para o modo como o homem se relaciona com o cenário que o circunda, atribuindo-lhe valores e interagindo com eles.

3 O LÍRICO E A METÁFORA NA REVELAÇÃO DO SER

Segundo Hegel, citado por Aguiar e Silva (1997), a poesia lírica é marcada pela tomada de consciência do sujeito individual, por meio do conteúdo lírico (as situações, sensações, sentimentos e objetos particulares que levam o indivíduo a si).

Para Aguiar e Silva (1997), a poesia lírica pauta-se na revelação e aprofundamento do eu-lírico, mantendo-se uma relação mais intrínseca e coesa entre o eu textual e o empírico, levando à identificação da revelação do homem e do ser. Eugênio de Andrade afirma que o ato poético é o esforço do ser em revelar-se, e no “mergulho do homem nas suas águas mais silenciadas, o que vem à tona é tanto uma singularidade como uma pluralidade” (ANDRADE apud AGUIAR E SILVA, 1997, p.583).

Na poesia lírica, o mundo exterior suscita a revelação da subjetividade do poeta e, embora a exterioridade possa impulsionar as vozes íntimas, ela não interfere na essência do poema: a ressonância íntima é vislumbrada pela palavra transfiguradora.

O acontecimento exterior, quando está presente num texto lírico, permanece sempre literalmente como um pretexto em relação à estrutura e ao significado desse texto: o episódio e a circunstância exteriores podem funcionar como elementos impulsionadores e catalíticos da produção textual, mas a essencialidade do poema consistirá, graças à fulguração da palavra, na emoção, nas vozes íntimas, na meditação, na ressonância mítica e simbólica, enfim, que tal episódio ou tal circunstância suscitam na subjetividade do poeta. (AGUIAR E SILVA, 1973, p. 584).

Eduardo Lourenço (1987) confirma o papel redentor da linguagem poética, que se configura como único caminho possível para a (re)descoberta do ser:

Que linguagem pode servir à nomeação da realidade que somos senão aquela que por autonomasia já nos é devolvida como Suprema Criação? É poeticamente que habitamos o mundo ou não o habitamos. (...) A tão simples e tão pouco clara situação humana que a Saudade resume em sua essencial revelação torna-se obscuríssima toda a linguagem diversa da Poesia. A inexcedível claridade das formas não-poéticas é de uma substancial negrura. São o homem fora do homem e tanto mais distante quanto mais claras. (...) De um mundo submetido à divisão e à morte a palavra poética faz uma esfera que reenvia de cada ponto o prodígio simultâneo das suas cintilações. Aí marcamos conosco o encontro sempre adiado com a plenitude esquecida e inesquecível de nós mesmos... para o qual a palavra poética nos reconduz (LOURENÇO, 1987, p.38).

Consoante a afirmação de Lourenço, o poder representativo da poesia consiste em lidar com a mensagem no plano figurativo, na medida em que as metáforas invocam intencionalidades, num plano mais profundo. Exige, portanto, um olhar mais atento, diferenciado, envolto de intuição e sensibilidade, enfim, um olhar assistemático, para perceber e dialogar com a emoção do poeta tida numa linguagem singularizada pelos artifícios poéticos.

Entretanto, a leitura do poema prescinde também do reconhecimento dos recursos poéticos, levando em conta os extratos do poema no seu nível semântico, sonoro, lexical, sintático e gráfico (ou visual).

Segundo Candido (1993) a leitura do poema implica avaliar todos esses níveis presentes na sua construção, que se constitui do estudo analítico, voltado à estrutura externa (tradução de sentido), e da análise interpretativa, a qual busca o conteúdo humano. E, a partir desses dois momentos, busca-se perceber os efeitos causados por esse arranjo singular dos elementos poéticos.

4 O ESPAÇO ELEMENTAR E A CONFIGURAÇÃO DO HOMEM NA POESIA DE EUGÊNIO DE ANDRADE

O estudo analítico dos poemas selecionados pauta-se em seus níveis estruturantes, em aspectos retóricos e/ou estilísticos, atentando-se para a temática da integração do homem ao espaço natural e elementar, na constante busca de si, e para as metáforas espaciais que figuram na poesia eugeniana.

O poema “Sul” é unistrófico, heterométrico e sem rimas, a não ser pelas palavras “mar/ar”, com predominância de sons fechados e nasais “verão, muro, pombos, morrer assim”. Há também o recurso da aliteração em “p”, “s” e “r”: “sul, verão, muro, praça, pombos, ardor, repente, silêncio, sacudiu crinas, mar, morrer, explodir, ar”, que sugere tanto a ideia de um acontecimento arrebatador e repentino com a bilabial “p” quanto a de continuidade e fluidez pela repetição do “r” e da sibilante “s” e das nasais “m, n”.

Sul

Era verão, havia o muro,
Na praça a única evidência
eram os pombos, o ardor
da cal. De repente
o silêncio sacudiu as crinas,
correu para o mar.
Pensei: devíamos morrer assim.
Assim: explodir no ar.
(ANDRADE apud SARAIVA, 1999, p. 160).

O tema do poema é a ideia do limite tênue entre a vida/morte e o cosmos, ou ainda, a fragilidade entre o limite e o não limite. A partir da palavra, temporal e espacialmente marcada, o poema vai de um extremo a outro, ao iniciar com a marcação do espaço e do tempo e findar com a ausência de tais limites espaço-temporais. Isto é, o poema parte do limite para o não limite, da serenidade para a explosão/fulgor, da vida para a morte.

O poema é dividido em três momentos: o inicial (quatro primeiros versos), com marcação espaço-temporal: era no sul, verão, tinha o muro e a praça; o momento da ruptura (4º, 5º e 6º versos) com a libertação desse espaço, pelo movimento agressivo: “sacudiu as crinas, correu para o mar”; e o final (dois últimos versos) com a busca da serenidade com a ruptura do movimento: “pensei, morrer, explodir no ar”. Essa situação é reiterada, no plano fonológico, pela sonoridade que intensifica o uso de “r, s, m, n” e sugere a ideia de prolongamento, expansão, mais recorrente a partir da ruptura explosiva do “p” com o vocábulo “de repente” e, depois, “pensei”.

No plano morfossintático, os verbos também marcam a passagem do estático ao intenso movimento e depois ao desaceleramento, com o uso de verbos inicialmente de ligação (“era, eram”) e posteriormente de movimento (sacudiu, correu). Os verbos antes conjugados, no final se apresentam no infinitivo (“morrer, explodir”) e reforçam a ideia de libertação das “amarras” espaço-temporais rumo à amplitude.

A acentuação tônica também apresenta clara divisão entre os momentos do poema: nos quatro primeiros versos o acento recai na 4ª e 7ª sílabas; no segundo momento, a partir do 5º verso, os acentos tornam-se irregulares, oscilando entre a 3ª, 5ª, 6ª e 7ª sílabas.

O título “Sul” é uma referência espacial, que se soma a outras no texto (o muro, a praça), e interliga-se à referência temporal de duas maneiras: os verbos no passado, que mostram um momento anterior à fala do eu-lírico; o “verão”, que apresenta a sequência das estações do ano, entre as quais ele se situa, simbolizando, contudo, a fase jovem/adulta da vida em extremo vigor.

Aliada a essa questão temporal que exalta o verão, tem-se o cromatismo que se revela pelas cores: dourado (verão, ardor), branco (pombos, cal) e azul (mar, ar), cores que se misturam independentes dos limites de tempo e espaço. Assim, pelas referências espaciais e cromáticas, tem-se a linguagem figurativa, que suscita algumas imagens: uma praça deserta, num dia claro e quente de verão, atravessada pelo silêncio, cuja única marca de vida eram os pombos. Tem-se

uma cena plácida da vida, como também deveria ser a morte, a integração harmônica ao cosmos. Esse é o desejo expresso pelo eu-lírico (“Pensei: devíamos morrer assim/Assim: explodir no ar”).

Atentando-se para o plano semântico, quanto aos recursos estilísticos presentes no poema, há uma gradação espacial que vai do limite ao ilimitado à medida que as barreiras vão-se desfazendo: “havia o muro; Na praça; correu para o mar; explodir no ar”. Essa gradação reiterada pelos espaços vislumbra-se também a partir dos elementos naturais que partem do mais concreto ao mais etéreo: o muro e a cal da terra, o silêncio que corre para o mar e, por fim, a explosão no ar. Tem-se ainda a personificação do silêncio, geralmente tido como ausência de atitude, mas que no poema é quem “corre” para a grande transformação: a fulguração e a libertação do ser, quando da diluição e coesão com o espaço elementar, metáfora do cosmos.

No plano morfossintático, nota-se que os verbos inicialmente estáticos (“havia”, “eram”), apresentam movimentos mais intensos (“sacudiu”, “correu”, “explodir”) à medida que o espaço se amplia, desvencilhando-se dos limites e se aproximando da morte. Sob essa perspectiva de leitura, morrer é romper os limites do tempo e do espaço, para integrar-se ao cosmos luminoso, ou seja, é a união total entre o ser e o espaço elementar que o compõe.

O efeito de sentido causado pela leitura é a visão da supremacia da morte, uma vez que é descrita como aquela que integra o homem ao cosmos de maneira harmônica. A morte é vista como a vida no seu estado maior de plenitude: a morte que é luz fulgorosa, que é o silêncio sacudido, que é liberdade de movimentos no tempo e no espaço.

Quanto ao caráter lírico do poema, constituído pela revelação íntima, impulsionada, mas não cerceada pelo mundo exterior, segundo Aguiar e Silva (1997), nota-se em “Sul” que a exposição da interioridade do eu, na busca de si, acontece por meio da palavra redentora, com seu jogo metafórico-gradativo que parte da exterioridade espacial concreta e limitada (“praça”, “muro”, “pombos”) para a interiorização do ser (“pensei”). E, a partir dessa interiorização, surge-lhe a revelação mais íntima (“devíamos morrer assim: explodir no ar”), a busca em fundir-se ao cosmos, em libertar-se das “amarras” espaço-temporais exteriores em busca da descoberta mais profunda de si, só atingida pela articulação da palavra poética, como afirma Lourenço (1987), configurando-se em único caminho possível para a (re)descoberta do ser:

Que linguagem pode servir à nomeação da realidade que somos senão aquela que por autonomasia já nos é devolvida como Suprema Criação? É poeticamente que habitamos o mundo ou não o habitamos. (...) A tão simples e tão pouco clara situação humana que a Saudade resume em sua essencial revelação torna-se obscuríssima toda a linguagem diversa da Poesia. (LOURENÇO, 1987, p. 38).

Nesse poema, como afirma Blanchot (1987), o espaço cumpre seu papel transformador e transcendental, ao promover a interiorização dos elementos e possibilitar a formação de um espaço imaginário, onde se presentifica a revelação lírica, aqui entendida como a busca pela liberdade da realidade exterior em detrimento da vida plena, só atingida quando da libertação espacial real e da fusão do eu (ao menos interior) ao cosmos, por meio da linguagem poética, assim resgatando sua essência humana.

No trecho: “o silêncio sacudiu as crinas e correu para o mar,/devíamos morrer assim, explodir no ar”, vislumbra-se um exemplo das imagens caladas pelo poeta, que ecoam no seu texto com um significado profundo ao leitor (BLANCHOT, 1987). E também ratificam a relação do homem com o espaço, proposta por Heidegger (2004), por meio do distanciamento e da direcionalidade – segundo os quais o homem pode atribuir ou não valor de existência aos elementos espaciais que o circundam, atribuindo-lhes valores e interagindo com eles: o silêncio adquire valor vivaz e poderoso de transformação da situação do eu-lírico, levando-o à consciência de si (“pensei”) e do frágil limite entre a vida e a morte, entre o concreto e o abstrato, entre sua exterioridade e interioridade e o desejo sincero de encontro consigo.

O poema “Lugar do sol” é unistrófico e heterométrico, quase não possui rimas, a não ser pelas palavras “manhã/maçã” e algumas rimas internas (“lugar/falar/juntar”); há o recurso da aliteração em “m”, “n”, “l”, “r”, “s”: “lugar, mesa, sol, luz, talvez, juntar, voz, maçã”, sugerindo a ideia de continuidade e fluidez de um ciclo que se repete: o plano da realidade exterior passada, que pode se estender ao presente somente pelo resgate da palavra perfeita, o verso solar.

O tema é o resgate de fatos exteriores, interiorizados pelo eu-lírico e que só podem vir à luz pela palavra exata que vivifique, transcendendo vivências, sentimentos, objetos: “luz, voz e maçã”:

Lugar do sol

Há um lugar na mesa onde a luz
 abdicou do seu ofício.
 Já foi do sol
 e do trigo esse lugar – agora
 por mais que me escutes, não voltarás
 a ouvir a voz de quem,
 há muitos anos, era a delicadeza
 da terra a falar: “Não sujes
 a toalha”; “Não comes a maçã?”
 Também já não há quem se debruce
 na janela para sentir
 o corpo atravessado pela manhã.
 Talvez só um ou outro verso
 consiga juntar seu ritmo
 luz, voz, maçã.
 (ANDRADE *apud* SARAIVA, 1999, p. 174).

O título do poema pontua a ideia de um lugar importante: o lugar do sol metaforiza o lugar da vida ou da palavra poética que traz a vida, uma vez que a realidade exterior passa e só a palavra redentora, segundo Lourenço (1996), é capaz de recuperar a Saudade; portanto o verso é o espaço da verdade absoluta:

A realidade assim imaginada podemos visá-la com dis-cursos e re-cursos. É leitura apropriada a um universo concebido como discorrente ou recorrente, conjunto de processos reversíveis ou idênticos. A Saudade estabelece-nos de súbito num mundo com medida com esse. Os discursos que gera ou solicita para dar externa vestimenta ao que jamais o poderá ter e sempre o está tendo, são a invenção dos poetas (LOURENÇO, 1996, p.38).

O plano morfossintático traz a presença de vários tempos e modos verbais (presente, pretérito, futuro e infinitivo, indicativo, subjuntivo, imperativo), reiterando inúmeras possibilidades do fato diante da realidade temporal: hoje, há uma ausência, “Há um lugar na mesa onde a luz/abdicou do seu ofício./Já foi do sol”, que é recordada precariamente, uma vez que não há a possibilidade do seu resgate intenso e verdadeiro tal como já foi: “por mais que escutes não voltarás/a ouvir a voz...”. Esse resgate, na sua essência, só é possível por meio de um verso que una saudade e realidade, presente e passado, vivências e sentimentos. Ou seja, somente a palavra cristal, redentora da arte poética tem o poder adâmico: de trazer o ser a si,

de resgatar e/ou re(criar) um átimo de momento, como ilustram os versos “Talvez só um ou outro verso/consiga juntar seu ritmo/luz, voz, maçã” (ANDRADE *apud* SARAIVA, 1999, p. 174).

As rimas internas “lugar/falar/juntar” corroboram o “lugar do sol”, o único **lugar** possível para a vida plena, a palavra poética que **fala e junta** toda a existência do ser, sem fronteiras temporais ou espaciais: “Talvez só um ou outro verso/consiga juntar no seu ritmo/luz, voz, maçã”.

Retomando as afirmações de Santos e Oliveira (2001) acerca da significação do espaço poético, que pode ser explorado pelo uso imagético da palavra, sem estar necessariamente na estrutura interna do texto, nota-se que em “Lugar do sol” há uma espécie de narrativa marcada pelo espaço (mesa, janela), tempo (presente e passado), personagem personificada pela luz, pelo sol, pela terra “[...] a voz de quem,/há muitos anos, era a delicadeza/da terra a falar...”, “o corpo atravessado pela manhã”. Contudo, conforme Blanchot (1987), o espaço não está associado a referências internas à estrutura narrativa, ao contrário disso, associa-se às referências internas do eu-lírico, promovendo a ressignificação profunda ao leitor do mundo exterior:

(...) o espaço interior “traduz as coisas”. Fá-las passar de uma linguagem para outra, da linguagem exterior para uma totalmente interior. O espaço [que] nos supera e [que] traduz as coisas é, portanto, o transfigurador, o tradutor por excelência (BLANCHOT, 1987, p.139).

“Luz”, “voz” e “maçã” são, respectivamente, ressignificadas como vida, pessoas e vivências, a partir do lugar ocupado pela palavra poética. Sob essa perspectiva, as asserções de Heidegger (2004) encontram sentido nesse poema, uma vez que a retomada de significados para o espaço e experiências circundantes ocorre por meio do verso, o espaço pelo qual o homem redimensiona valores às suas vivências.

O poema “Lugar do sol” traz à tona a consciência e o valor pleno da palavra, única capaz do resgate *hercúleo* da vida na sua essência, desnudada dos parâmetros espaço-temporais da matéria, como elucida Eugênio de Andrade em muitos de seus poemas, entre os quais “Sul” e “Lugar do sol”. Como afirma Lourenço:

Só a palavra poética é a libertação do mundo. Em luta com a mastigação discursiva do mundo, ela descobre por rara e imerecida graça a passagem para esse instante onde repousaríamos sempre mesmo que a nossa marcha fosse mais vertiginosa que a luz. (...) A poesia é então o forno de queimar o Real a que outro poeta alude. Nessa vertigem e nessa claridade repousa nossa existência sem repouso. O essencial Instante é por elas circunscrito. E ao mesmo tempo reduzido a um ponto só. Somos então precariamente – esse círculo, ou essa esfera, cujo centro está em toda a parte e a circunferência em parte alguma. A nossa exploração terminou. É da luz que a palavra poética concentra misteriosamente que a nossa existência recebe o máximo de claridade. Essa luz, porém, é impenetrável. Com que lâmpada exploraríamos o coração do sol? (LOURENÇO, 1996, p.41).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizado o comentário analítico-interpretativo dos poemas “Sul” e “Lugar do sol”, de Eugênio de Andrade, com o objetivo de discutir o profundo lirismo subjacente à sua poesia e o modo como o espaço é presentificado nos seus poemas, contribuindo para a descoberta do homem de si, através da palavra poética, pode-se afirmar que o espaço poético reitera a natureza humana ao integrar o homem aos elementos naturais que o corporificam, na e pela poesia. É, pois, no poema que a palavra adquire o *status* de lugar onde o homem se faz homem, por meio do movimento de metáforas que suscitam imagens concretas da vida plena no seu movimento dialético de transformação (concretizadas pelos quatro elementos) e do homem que vive essa plenitude, (re)dimensionando-se a cada palavra.

Constata-se, pois, o esmero da palavra poética eugeniana reveladora da humanidade do homem, no que ele tem de mais simples e complexo: sua materialidade corporal, reiterada pelos quatro elementos (água, ar, terra e fogo) e pela palavra (o discurso poético), que o constitui enquanto ser pensante e, sobretudo, “sentinte”, por isso mesmo, vivente. A proposta poética do autor, nesse sentido, contribui para a (re)constituição do imaginário humano à medida que revigora a força dada à palavra tanto pelo seu valor imagético quanto pela simplicidade e concretude espacial com a qual anuncia a vida plena de sentidos, onde o homem se (re)encontra, constantemente.

Portanto, através da palavra poética configurada pelos elementos naturais (elementos de coesão), realidades humanas são suscitadas a cada leitura; realidades que remetem à integração do indivíduo ao universo, revelando-lhe o conhecimento de si. A palavra de Eugênio de Andrade é, assim, a palavra-luz citada por Lourenço (1996), que sem abdicar do seu ofício, atravessa o tempo e o espaço e une ao seu “ritmo luz, voz, maçã”.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eugênio. *Eugênio de Andrade: seleção, estudo e notas de Arnaldo Saraiva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. *Teoria e Metodologia Literária*. Lisboa: Universidade Aberta, 1997.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. *Ciência e Cultura*, v.24, n.9, 1972.

_____. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: FFLCH-USP, 1993.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Parte 1. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 13 ed. São Paulo: Vozes, 2004.

LOPES, Oscar; SARAIVA, Arnaldo José. *História da Literatura Portuguesa*. 16. ed. Portugal: Editora Porto, s/d.

LOURENÇO, Eduardo. *O espelho imaginário*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996.

_____. *Tempo e Poesia*. Lisboa: Relógio d'água, 1996.

SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa. *Sujeito, tempo e espaços ficcionais: Introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Submissão em: 28/05/2015

Aceito em: 28/10/2015